

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E FISIOTERAPIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA - LICENCIATURA**

ANA LUIZA ANCELINA LOPES

**MÍDIA, MULHERES E FUTEBOL: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA**

**UBERLÂNDIA
2026**

ANA LUIZA ANCELINA LOPES

**MÍDIA, MULHERES E FUTEBOL: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO
CIENTÍFICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito para conclusão do Curso de
Graduação em Educação Física da Faculdade
de Educação Física e Fisioterapia da
Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marina Ferreira de
Souza Antunes

UBERLÂNDIA

2026

MÍDIA, MULHERES E FUTEBOL: UM MAPEAMENTO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do Curso de Graduação em Educação Física da Faculdade de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Uberlândia.

Orientadora: Prof^a Dr^a Marina Ferreira de Souza Antunes

Uberlândia, 04 de agosto de 2026.

Prof^a Dr^a Marina Ferreira de Souza Antunes
(Orientadora)

Prof. Dr. Bruno Gonzaga Teodoro

Prof. Dr. Sérgio Inácio Nunes

AGRADECIMENTOS

À minha namorada, Luiza, que caminha ao meu lado há 8 anos e participou de cada etapa desta jornada. Obrigada por todo apoio, paciência, incentivo, momentos de escuta, acreditar em mim e ser uma das coisas mais bonitas que aconteceu em minha vida.

À minha mãe, Ironailda, que sempre será uma referência de força e determinação. Agradeço por todos os esforços e sacrifícios realizados ao longo da vida para proporcionar oportunidades a mim e ao meu irmão Max Miller.

Ao meu irmão, Max Miller, agradeço pelo apoio constante, pelos conselhos e por estar ao meu lado desde o início da minha trajetória universitária. Sua presença, incentivo e auxílio nas decisões mais importantes foram fundamentais para minha formação pessoal e acadêmica.

Aos meus amigos e colegas de curso, Emylly, Júlia e Rafael, por tornar essa caminhada mais leve, pela amizade e por todos os momentos que compartilhamos.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Marina Ferreira de Souza Antunes, expresso minha mais profunda gratidão por todo o acolhimento, dedicação e paciência ao longo deste percurso. Obrigada por compartilhar seus conhecimentos, pelos conselhos oferecidos nos momentos de incerteza e por acreditar em meu potencial mesmo diante das dificuldades. Sua orientação foi essencial para a realização deste trabalho.

E por fim, agradeço à banca examinadora, pelo aceite do convite de avaliarem este trabalho.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo mapear os artigos que tratam da relação entre mídia, futebol e mulheres. De modo específico, buscou identificar os artigos sobre a temática estudada, selecionar os textos submetidos à análise e, por fim, analisar os artigos selecionados. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de caráter exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. A coleta de dados foi realizada na base *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), utilizando os descritores “mulheres”, “futebol” e “mídia”, combinados pelo operador booleano *AND*. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, o *corpus* da pesquisa foi constituído por três artigos publicados entre 2011 e 2022. A análise dos estudos evidenciou que, embora a cobertura midiática da modalidade tenha se ampliado nos últimos anos, especialmente durante grandes eventos esportivos, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo de 2019, essa visibilidade ainda ocorre de forma pontual. Os resultados também demonstraram a permanência de representações centradas na vida pessoal das atletas, desconsiderando seu desempenho esportivo. Em contrapartida, verificou-se que as mídias digitais e os veículos de imprensa alternativa têm desempenhado papel relevante na ampliação da visibilidade do futebol de mulheres, no fortalecimento do debate sobre a equidade de gênero e na valorização das atletas. Conclui-se que a mídia exerce papel central tanto na reprodução quanto no enfrentamento das desigualdades de gênero no esporte, influenciando a construção das representações sociais sobre as mulheres no futebol. Apesar dos avanços observados, ainda persistem desafios para que a cobertura midiática seja contínua, crítica e comprometida com a valorização da modalidade, contribuindo para seu reconhecimento social e para o enfrentamento das desigualdades historicamente presentes no esporte.

Palavras-chave: Futebol de mulheres; Mídia; Gênero; Visibilidade.

ABSTRACT

The present study aimed to map the articles addressing the relationship between media, football, and women. Specifically, it sought to identify the articles published on the topic, select the studies included in the analysis, and, finally, analyze the selected articles. This is a bibliographic study of an exploratory and descriptive nature, adopting a qualitative approach. Data were collected from the Scientific Electronic Library Online (SciELO) database using the descriptors "women," "football," and "media," combined with the Boolean operator AND. After applying the inclusion and exclusion criteria, the research corpus consisted of three articles published between 2011 and 2022. The analysis of the selected studies showed that, although media coverage of women's football has increased in recent years, especially during major sporting events such as the Olympic Games and the 2019 FIFA Women's World Cup, this visibility remains occasional. The findings also revealed the persistence of representations centered on the athletes' personal lives, often disregarding their sporting performance. On the other hand, digital media and alternative press outlets have played an important role in increasing the visibility of women's football, strengthening the debate on gender equity, and promoting the recognition of female athletes. It is concluded that the media plays a central role both in reproducing and in challenging gender inequalities in sport, influencing the construction of social representations of women in football. Despite the progress observed, significant challenges remain to ensure continuous, critical, and committed media coverage that values the sport, contributing to its social recognition and to overcoming the gender inequalities historically present in sport.

Keywords: Women's football; Media; Gender; Visibility.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Artigos selecionados.....	18
Quadro 2: Matriz de evolução midiática.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CBCE	Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte
CND	Conselho Nacional de Desportos
ESPN	<i>Entertainment and Sports Programming Network</i>
GPEDE	Grupo de Estudos e Pesquisas do Esporte Democrático e Educativo
GTT	Grupo de Trabalho Temático
SciELO	<i>Scientific Electronic Library Online</i>
TIC	Tecnologias da Informação e Comunicação
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UOL	Universo Online
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	16
3	RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
	REFERÊNCIAS.....	31

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se justifica pela necessidade de compreender como o futebol de mulheres é tratado pela mídia, considerando que, apesar dos avanços em termos de visibilidade, ainda persistem diversas formas de preconceito e discriminação enfrentadas pelas mulheres no esporte. Estas manifestações ocorrem tanto na atuação como jogadoras quanto em outras funções, como treinadoras, árbitras, entre outros cargos pertencentes à estrutura esportiva (Januário; Lima; Leal, 2020).

No campo científico, a relevância deste estudo reside na necessidade de aprofundar a compreensão sobre o papel da mídia na construção e reprodução das desigualdades de gênero no esporte. Embora existam pesquisas sobre a participação de mulheres no futebol, como as desenvolvidas por Goellner e Knijnik (2023), ainda são limitadas as análises que abordam de forma crítica a relação entre a mídia e a sua contribuição para legitimar ou contestar a desigualdade. Assim, esta pesquisa busca contribuir para o preenchimento dessa lacuna ao analisar como o futebol de mulheres é representado, evidenciando as contradições entre o aumento da visibilidade e a permanência de práticas e discursos excludentes.

Além disso, o trabalho amplia a compreensão da categoria para além da prática esportiva, ao considerar fatores sociais, culturais e midiáticos que influenciam sua valorização. Questões como equidade salarial, condições de trabalho, acesso à profissionalização e representatividade são fundamentais para o desenvolvimento da modalidade e para a construção de referências para meninas e mulheres que desejam ingressar nesse espaço.

Do ponto de vista social, a pesquisa se mostra relevante ao considerar que o futebol é um fenômeno cultural de grande impacto no Brasil, refletindo desigualdades mais amplas presentes na sociedade. A baixa visibilidade do futebol de mulheres, associada à presença de discursos machistas, sexistas e homofóbicos, contribui para a desvalorização da modalidade e para o afastamento de muitas meninas da prática esportiva, conforme concepções de Franzini (2005). Esse cenário também evidencia desigualdades no acesso ao esporte e à profissionalização, uma vez que, diferentemente do futebol masculino, frequentemente visto como possibilidade de ascensão social, o futebol de mulheres ainda não oferece as mesmas condições de reconhecimento, estabilidade e retorno financeiro.

Ao dar visibilidade a essas problemáticas, a pesquisa pode contribuir para o desenvolvimento de um pensamento crítico acerca das desigualdades de gênero no esporte, além de subsidiar a formulação de políticas públicas mais efetivas e estratégias de valorização do futebol de mulheres. Dessa forma, o debate pode colaborar para transformações sociais,

ampliando o acesso, a permanência e o reconhecimento das mulheres no esporte.

Por fim, a escolha do tema possui forte relevância pessoal, estando diretamente relacionada à trajetória da autora com o futebol. A autora, desde a infância, nutriu um grande interesse pelo esporte, tendo como sonho se tornar jogadora profissional. Acompanhava, ainda que de forma limitada, as poucas partidas das mulheres exibidas na televisão e se via representada naquele espaço. Paralelamente, praticava futsal e desenvolveu uma grande paixão, tendo um sentimento de pertencimento e possibilidades. O interesse pelo futebol permaneceu, sendo fortalecido ao longo dos anos por meio da participação em jogos escolares e do acompanhamento de campeonatos.

No contexto escolar, foi possível observar avanços importantes, como a iniciativa de uma professora de educação física que incentivou a participação de meninas no futsal. Inicialmente, a quadra era predominantemente ocupada pelos meninos, mas, gradualmente, as meninas passaram a ocupar esse espaço, chegando a formar equipes suficientes para a realização de competições internas. Posteriormente, houve participação em campeonatos escolares, o que representou um avanço significativo em termos de inclusão. No entanto, a desigualdade de gênero esteve presente durante toda essa trajetória. O apoio institucional era limitado, especialmente quando comparado ao incentivo recebido pelas equipes masculinas, que contavam com maior número de times, participação em mais competições e maior reconhecimento. Além disso, eram frequentes os discursos que deslegitimavam a presença de mulheres no futebol, como a afirmação de que “futebol não é para meninas”.

Com o passar do tempo, a ausência de incentivo familiar e de oportunidades estruturadas dificultou a continuidade no esporte em nível mais elevado. O interesse em atuar como treinadora também foi impactado por experiências na formação acadêmica, nas quais, ao buscar estágios na área do futebol, foi frequentemente direcionada a funções administrativas, como atividades de secretaria, sem atuar diretamente com a prática esportiva. Em outras situações, quando houve oportunidade de atuação, foi designada a dar a aula sem preparação adequada ou aviso prévio, para que seu conhecimento e capacidade fossem testados pelo responsável do projeto.

Além disso, ao realizar pesquisas e dialogar com outras mulheres que compartilharam trajetórias semelhantes, tornou-se evidente a dificuldade de inserção em cargos de liderança no futebol, muitas vezes condicionada ao acesso a redes de contato específicas. Essas experiências reforçam a percepção de que o ambiente esportivo ainda é marcado por desigualdades estruturais que limitam a participação de mulheres. Dessa forma, a escolha do tema está diretamente relacionada ao desejo de contribuir para a transformação dessa realidade,

possibilitando que mais mulheres tenham acesso ao esporte, permaneçam nele e alcancem espaços de reconhecimento e valorização. A pesquisa busca, portanto, não apenas analisar criticamente o cenário atual, mas também colaborar para a construção de um futuro mais equitativo no futebol.

O futebol, como prática esportiva moderna, tem suas origens na Inglaterra, no século XIX, sendo inicialmente estruturado e regulamentado por instituições como a *Football Association*, fundada em 1863. A partir desse processo de institucionalização, o esporte se expandiu globalmente, consolidando-se como uma das principais manifestações culturais contemporâneas (Hargreaves, 1982 *apud* Bracht, 2005). Entretanto, essa consolidação ocorreu de forma profundamente marcada por relações de gênero, nas quais o futebol foi historicamente construído como um espaço predominantemente masculino, associado a valores como força, virilidade e competitividade, enquanto às mulheres eram atribuídos papéis sociais ligados à delicadeza e à domesticidade (Goellner, 2005).

Apesar dessa construção social excludente, a participação de mulheres no futebol não é recente. Registros indicam que mulheres já praticavam o esporte desde o final do século XIX, ainda que enfrentando resistência social e institucional. Foi, contudo, durante a Primeira Guerra Mundial que o futebol de mulheres¹ ganhou maior visibilidade, especialmente na Inglaterra, quando mulheres que trabalhavam em fábricas passaram a organizar partidas durante seus intervalos de descanso. Esse contexto favoreceu não apenas a prática esportiva, mas também a formação de equipes organizadas e o aumento do interesse do público. Um exemplo emblemático foi o *Dick, Kerr Ladies F.C.*, que, em 1920, reuniu aproximadamente 53 mil espectadores em uma única partida, evidenciando o potencial de popularização do futebol de mulheres (Williams, 2003).

No entanto, o crescimento da modalidade não foi acompanhado por aceitação institucional. Pelo contrário, à medida que ganhava visibilidade e público, aumentava também o incômodo por parte de setores conservadores e dirigentes esportivos. Em 1921, a *Football Association* proibiu oficialmente a prática do futebol por mulheres em campos afiliados à entidade, sob a justificativa de que o esporte seria “inadequado ao sexo feminino”. A decisão não apenas limitou o acesso das mulheres à infraestrutura esportiva, como também representou um marco de exclusão institucional, uma vez que impediu o desenvolvimento formal da

¹ Optou-se pela utilização do termo "futebol de mulheres" em substituição a "futebol feminino" por entender que a primeira expressão demarca as mulheres enquanto sujeitos políticos e sociais que praticam a modalidade. Enquanto o adjetivo "feminino" muitas vezes carrega estigmas biológicos ou expectativas de gênero ligadas à fragilidade, a terminologia adotada reforça o protagonismo das atletas e a apropriação do espaço esportivo por elas. (Goellner; Kessler, 2021)

modalidade por décadas. Essa proibição perdurou até o final dos anos de 1970, obrigando muitas mulheres a continuarem jogando de forma clandestina e sem qualquer tipo de apoio ou reconhecimento (Goellner; Kessler, 2021; Williams, 2003).

A lógica de exclusão observada no contexto inglês se manifestou de maneira contundente no Brasil. Durante o governo de Getúlio Vargas, o Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, estabeleceu as diretrizes para o esporte nacional e instituiu a proibição de práticas consideradas incompatíveis com a “natureza feminina”. Posteriormente, em 1965, o Conselho Nacional de Desportos (CND) deliberou de forma detalhada as modalidades vedadas às mulheres, mantendo o futebol sob severa restrição até sua revogação em 1979. Assim como na Inglaterra, essa barreira legal não apenas impediu a prática esportiva formal como, de igual modo, contribuiu para a construção de um cenário de invisibilidade e marginalização das mulheres no futebol (Franzini, 2005; Goellner, 2005).

A proibição, portanto, não pode ser compreendida como um evento isolado, mas como parte de um processo histórico mais amplo de exclusão de gênero. Seus efeitos ultrapassaram o período em que esteve em vigor, produzindo consequências estruturais que ainda se manifestam no cenário contemporâneo. Ao impedir a participação das mulheres, essas medidas interromperam o desenvolvimento técnico, institucional e profissional da modalidade, ao mesmo tempo em que o futebol masculino se consolidava de forma contínua como um espetáculo global altamente lucrativo e amplamente difundido pelos meios de comunicação. Nesse sentido, mesmo diante de avanços recentes, observa-se que a ampliação da visibilidade do futebol de mulheres não tem sido acompanhada por transformações significativas nas estruturas de poder do esporte.

Estudos apontam que, embora existam normativas e políticas públicas voltadas à promoção da equidade de gênero, estas frequentemente não se traduzem em mudanças concretas na realidade institucional da modalidade. Tal contradição evidencia a permanência de um processo de exclusão estrutural, no qual as mulheres, apesar de cada vez mais presentes no futebol, continuam afastadas de espaços de decisão e liderança. A inserção das mulheres no futebol ocorre, em grande medida, de forma limitada e, muitas vezes, restrita a funções operacionais e de apoio, com baixa representatividade em cargos estratégicos. Esse cenário reforça a compreensão de que a desigualdade de gênero no esporte não é apenas resultado da ausência de oportunidades, mas de um sistema historicamente estruturado para manter tais assimetrias (Goellner; Kessler, 2021).

Além disso, a baixa visibilidade do futebol de mulheres na mídia esportiva contribui diretamente para a manutenção desse quadro, uma vez que compromete a construção de

referências, reduz o interesse do público e limita os investimentos na modalidade. Dessa forma, a mídia assume um papel central, não apenas como meio de divulgação, mas como agente ativo na construção de significados e na legitimação de práticas sociais. No entanto, a cobertura midiática do futebol de mulheres ainda se apresenta, em muitos casos, de forma limitada, pontual ou marcada por estereótipos, o que evidencia que o aumento da exposição não necessariamente implica valorização efetiva (Goellner; Kessler, 2021).

O Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), criado em 1978, é uma entidade científica que reúne pesquisadores da área de Educação Física e Ciências do Esporte, com o objetivo de promover a produção e a divulgação do conhecimento científico por meio de eventos, publicações e grupos de pesquisa. Entre esses grupos destaca-se o Grupo de Trabalho Temático (GTT) Comunicação e Mídia, responsável por desenvolver estudos sobre as relações entre mídia, tecnologias e Educação Física. As discussões produzidas por esse grupo mostram que as mídias e as tecnologias digitais não atuam apenas como meios de comunicação, mas também como importantes espaços de produção de conhecimentos, valores e representações sociais, tornando-se fundamentais para compreender a cultura corporal e o esporte. (CBCE, 2026).

As mídias e as tecnologias digitais ocupam um papel central na sociedade contemporânea. Sua utilização faz parte do cotidiano e dos processos educativos, influenciando a forma como as pessoas se informam, constroem conhecimentos e interpretam a realidade. Nesse contexto, deixam de ser apenas meios de transmissão de informações e passam a atuar como espaços de produção de aprendizagens e de formação cultural, exercendo influência sobre a maneira como diferentes práticas sociais, como o esporte, são percebidas e representadas (Oliveira; Hack, 2020).

As Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) tornaram-se indispensáveis na sociedade contemporânea, promovendo transformações significativas nas formas de pensar, comunicar, produzir e acessar informações. Além disso, influenciam as relações de trabalho, de aprendizagem e a interação entre os indivíduos (Bianchi; Marín-Montín, 2020).

Diante dessas transformações, Leiro, Araújo e Sousa (2020) destacam que a formação inicial e continuada dos professores deve contemplar experiências que fortaleçam o olhar crítico sobre a mídia. Os autores defendem que disciplinas específicas, ações formativas e parcerias com pesquisadores contribuem para que os futuros docentes compreendam os conceitos relacionados às mídias e às tecnologias, possibilitando o desenvolvimento de práticas pedagógicas críticas no contexto escolar.

A escola e a Educação Física assumem um papel fundamental ao promoverem uma abordagem crítica das mídias, estimulando os estudantes a refletirem sobre os conteúdos que consomem e produzem. Essa abordagem deve contemplar discussões sobre temas transversais, como gênero, estereótipos e padrões sociais, favorecendo uma compreensão mais ampla das representações construídas pela mídia (Oliveira; Hack, 2020).

Ao discutir a relação entre mídias, tecnologias e Educação Física, Mezzaroba e Bitencourt (2020) ressaltam que as influências provenientes do universo midiático alcançam esse campo e interferem na forma como as práticas esportivas são produzidas, divulgadas e compreendidas socialmente. Além disso, Oliveira e Hack (2020) afirmam que as mídias "funcionam como pedagogias", uma vez que influenciam a maneira como as pessoas aprendem e compreendem o mundo. Assim, compreender a mídia como um espaço de produção de significados permite analisar criticamente as representações construídas sobre as mulheres no esporte, evidenciando estereótipos e desigualdades historicamente presentes.

Essa discussão torna-se especialmente relevante na análise do futebol de mulheres, na qual a cobertura midiática foi marcada, durante muitos anos, pela baixa visibilidade. Ao mesmo tempo, as redes sociais ampliaram as possibilidades de divulgação, interação e mobilização em torno da modalidade. Segundo Bianchi e Marín-Montín (2020), essas plataformas favorecem a formação de comunidades virtuais organizadas por interesses comuns, possibilitando o compartilhamento de informações e a construção coletiva de conhecimentos. Portanto, também contribuem para ampliar a visibilidade do futebol de mulheres e aproximar diferentes públicos da modalidade.

Com efeito, enquanto os homens nunca foram impedidos de jogar e puderam consolidar o futebol como um espaço de prestígio social, visibilidade e retorno econômico, as mulheres tiveram que lutar historicamente pelo direito básico de participar dessa prática. Mesmo após décadas do fim das proibições, os impactos desse passado ainda são evidentes, uma vez que o futebol de mulheres continua enfrentando desafios relacionados à equidade, reconhecimento e valorização.

Diante desse contexto indagamos: qual tem sido a relação entre mídia, futebol e mulheres? De que maneira a cobertura midiática influencia a visibilidade e a valorização da categoria? Buscando respostas a essas indagações nos propusemos mapear os artigos que tratam da relação entre mídia, futebol e mulheres. De modo específico identificamos os artigos publicados sobre a temática estudada, em seguida selecionamos os textos que foram submetidos à análise e, por fim, analisamos os artigos selecionado. Ressaltamos que a pesquisa na base de dados da SciELO foi realizada no dia 28 de abril do ano de 2026.

2 METODOLOGIA DA PESQUISA

Quanto aos objetivos propostos, o estudo classifica-se como exploratório e descritivo, pois, conforme aponta Gil (2002), a pesquisa exploratória tem como finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema investigado, possibilitando ampliar discussões e reflexões acerca do objeto estudado. A pesquisa descritiva, por sua vez, busca identificar, registrar e analisar características de determinado fenômeno, sem interferir diretamente sobre ele.

No que se refere aos procedimentos técnicos, esta pesquisa configura-se como bibliográfica, sendo desenvolvida a partir da análise de materiais já publicados, especialmente artigos científicos relacionados à temática investigada (Gil, 2002). Conforme Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica consiste no levantamento, seleção e análise de produções científicas previamente elaboradas, permitindo ao pesquisador aprofundar-se teoricamente sobre determinado tema e estabelecer relações entre diferentes estudos.

Do ponto de vista da análise dos dados, a presente pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, pois busca compreender criticamente as relações entre mídia, futebol e mulheres, considerando os significados sociais e culturais presentes na representação do futebol de mulheres. Segundo Gil (2002), a pesquisa qualitativa trata-se daquela que possibilita analisar fenômenos sociais a partir de suas particularidades e interpretações, permitindo uma compreensão mais aprofundada da realidade estudada.

Inicialmente, realizamos a delimitação do tema, optando por investigar a relação entre mídia, futebol e mulheres, com enfoque específico na representação do futebol de mulheres nos meios de comunicação. A escolha da temática fundamentou-se na relevância social e acadêmica do assunto, considerando que, apesar dos avanços recentes na visibilidade da modalidade, ainda persistem desigualdades estruturais e representações marcadas por estereótipos de gênero.

Para o levantamento bibliográfico, foram utilizados como descritores de busca os termos “mulheres”, “futebol” e “mídia”, combinados pelo operador booleano *AND*, com o objetivo de localizar produções científicas que contemplassem simultaneamente os três eixos temáticos da pesquisa. A busca foi realizada na base de dados *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), escolhida em razão de sua relevância acadêmica, confiabilidade e abrangência na divulgação de produções científicas da área.

Ao inserir os descritores “mulheres *and* futebol *and* mídia” na plataforma, foram inicialmente encontrados cinco trabalhos científicos, sem aplicação de filtros. Posteriormente, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão para refinar os resultados e tornar a amostra

mais adequada aos objetivos da pesquisa.

Como critérios de inclusão, foram selecionados apenas artigos científicos disponíveis em língua portuguesa e que abordassem diretamente a relação entre mídia, futebol e mulheres. Foram excluídos trabalhos em outros idiomas, pesquisas que não tratassem especificamente do futebol de mulheres ou que não apresentassem relação direta com a temática da mídia esportiva. Após a aplicação dos filtros, permaneceram três artigos para composição do *corpus* de análise, conforme apresentado no quadro 1. Optamos por organizar os dados em ordem cronológica, buscando identificar se houve mudanças significativas em relação à temática ao longo dos anos visto que os textos abrangem um período de 2011 a 2022.

Quadro 1: Artigos selecionados

TÍTULO	AUTOR (A)	ANO	PERIÓDICOS	CATEGORIA
O futebol feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim	• Marco Antônio de Carvalho Ferretti • Renata Pascoti Zuzzi • Aline Edwiges dos Santos Viana • Fernando Morales Vilha Junior	2011	Motriz: Revista de Educação Física	Identificação
Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros	• Soraya Barreto Januário • Cecília Almeida Rodrigues Lima • Daniel Leal	2020	Observatório (OBS*)	Análise de conteúdo
“Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres	• Cecília Almeida Rodrigues Lima • Soraya Barreto Januário • Daniel Leal	2022	Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	Estudo de caso

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos artigos ocorreu por meio de leitura exploratória, seletiva e interpretativa dos artigos selecionados, conforme proposto por Lakatos e Marconi (2003). Inicialmente, foi realizada uma leitura exploratória com o objetivo de identificar os textos relacionados à temática da pesquisa. Em seguida, procedeu-se à leitura seletiva, buscando selecionar as informações mais relevantes para os objetivos do estudo. Posteriormente, realizou-se a leitura interpretativa e crítica dos materiais.

Visando compreender como os estudos analisados abordam a relação entre mídia, futebol e mulheres, especialmente no que se refere à visibilidade do futebol de mulheres e à representação das atletas e às desigualdades de gênero presentes no contexto esportivo. Além disso, buscou-se identificar de que maneira os artigos discutem os impactos da cobertura midiática na valorização do futebol praticado por mulheres, bem como a permanência de discursos excludentes e estereotipados historicamente associados à participação feminina no esporte. Dessa forma, a pesquisa pretende contribuir para o aprofundamento das discussões acerca das relações entre mídia, futebol e mulheres, evidenciando como os processos midiáticos podem atuar tanto na reprodução quanto no enfrentamento das desigualdades de gênero presentes na categoria futebolística.

O artigo intitulado “O Futebol Feminino nos Jogos Olímpicos de Pequim”, publicado na revista *Motriz*, foi elaborado por Marco Antônio de Carvalho Ferretti, Renata Pascoti Zuzzi, Aline Edwiges dos Santos Viana e Fernando Morales Vilha Junior, integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisas do Esporte Democrático e Educativo (GEPEDE), vinculado à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo (USP). O estudo analisa como a mídia impressa retratou o futebol de mulheres durante os Jogos Olímpicos de Pequim, discutindo as relações de gênero, os preconceitos históricos enfrentados pelas mulheres e a forma como a imprensa contribuiu para a manutenção ou transformação dessas desigualdades.

Inicialmente, os autores discorreram sobre a participação das mulheres no futebol a partir de uma perspectiva histórica, onde apresentaram diferentes instrumentos legais que excluía a participação de mulheres na modalidade, ou impunham de alguma forma, barreiras para limitar o acesso ao futebol.

Em alinhamento com a contextualização histórica apresentada anteriormente neste texto, em relação aos aspectos históricos, o Decreto-Lei nº 3.199, de 1941, estabelecia que as mulheres não poderiam praticar esportes considerados incompatíveis com sua natureza, sendo o futebol uma das modalidades proibidas por ser entendido como violento e inadequado. Segundo os autores/as, durante o regime militar, a Deliberação nº 7 de 1965 manteve essa

proibição. O texto afirma que embora a Deliberação nº 10 de 1979 tenha flexibilizado parcialmente a participação de mulheres nos esportes, ainda havia restrições significativas. O artigo aponta que a Deliberação nº 01 de 1983 determinou que as mulheres não poderiam atuar profissionalmente no futebol e deveriam possuir mais de 14 anos para praticar a modalidade.

Os/as autores/as destacam que tais restrições não eram impostas aos homens que podiam participar de competições em idade inferior e tinham autorização para atuar profissionalmente desde os 16 anos. Dessa forma, evidencia-se que o desenvolvimento do futebol de mulheres foi historicamente prejudicado por normas que favoreceram exclusivamente os homens.

O estudo também aborda como a exclusão feminina continuou mesmo após o fim das proibições legais com novas formas de discriminação, que passaram a ocorrer por meio da valorização da aparência física e da feminilidade das atletas. Um exemplo citado no texto é o Campeonato Paulista Feminino de 2001, no qual dirigentes esportivos impuseram critérios relacionados à beleza das jogadoras. Nesse contexto, a participação das atletas era condicionada primeiramente por sua aparência, e não por suas habilidades.

Outro aspecto discutido no artigo refere-se à relação entre futebol de mulheres, feminilidade e homossexualidade. Os/as autores/as explicam que, muitas vezes, existe a associação equivocada entre mulheres que apresentam comportamentos considerados masculinos e a homossexualidade. Entretanto, o artigo destaca que gênero, sexo e orientação sexual são conceitos distintos. O sexo refere-se às características biológicas, o gênero corresponde às construções sociais de masculinidade e feminilidade, enquanto a sexualidade está relacionada ao desejo afetivo e sexual. Essa valorização da estética também está relacionada à tentativa de reforçar a heterossexualidade das atletas e torná-las mais aceitáveis socialmente.

No texto é afirmado que não existe relação obrigatória entre a prática do futebol, a aparência das atletas e sua orientação sexual. Apesar disso, as jogadoras frequentemente precisam demonstrar feminilidade para combater estereótipos e preconceitos.

Para investigar essas questões, os/as pesquisadores/as realizaram uma análise quantitativa e qualitativa das reportagens publicadas pela Folha de São Paulo durante os Jogos Olímpicos de Pequim de 2008. O jornal foi escolhido por sua ampla circulação nacional e por possuir um caderno específico para a cobertura olímpica, denominado “Folha Pequim”. A análise contemplou o período de 5 a 25 de agosto de 2008.

Na etapa quantitativa, os/as autores/as contabilizaram o número de palavras das reportagens destinadas ao futebol masculino, de mulheres ou a ambos os sexos. Também mediram a área ocupada pelas fotografias publicadas, classificando-as conforme o sexo

representado. Para isso, utilizaram arquivos digitais das reportagens, programas como *Microsoft Word* e *Excel* e medições realizadas diretamente nas imagens do jornal.

Na análise qualitativa, as reportagens e fotografias foram comparadas com a literatura sobre futebol de mulheres, gênero e sexualidade. O objetivo era compreender como a mídia representava as atletas e identificar possíveis desigualdades na cobertura jornalística.

Os resultados demonstraram que os homens receberam maior quantidade de palavras nas reportagens, embora a área destinada às fotografias femininas tenha sido semelhante ou até ligeiramente superior. Contudo, os/as autores/as ressaltam que essa visibilidade ocorreu principalmente em função dos Jogos Olímpicos, evento que temporariamente amplia o espaço destinado ao esporte feminino. Para os/as autores, fora desse contexto, o futebol de mulheres permanece praticamente invisível na mídia esportiva.

Além disso, a análise revelou que muitas reportagens sobre as mulheres não enfatizavam o desempenho esportivo, mas aspectos relacionados à vida pessoal das atletas, suas histórias de superação, aparência física ou questões familiares. Enquanto os homens eram frequentemente retratados como heróis, líderes e protagonistas, as mulheres continuavam sendo representadas a partir de características associadas ao gênero feminino.

Outro resultado importante que o texto apresenta refere-se à falta de apoio financeiro e institucional ao futebol de mulheres. As reportagens destacavam as dificuldades econômicas enfrentadas pelas atletas, a ausência de investimentos e a desigualdade de tratamento em relação ao futebol masculino. Segundo o artigo, mesmo conquistando resultados expressivos, as jogadoras não recebiam o mesmo suporte das entidades esportivas, muitas vezes nem sabiam se iam receber algum prêmio quando alcançavam a segunda colocação nos campeonatos.

O artigo também discute a erotização do corpo feminino no esporte. Segundo o estudo, essa exploração foi menor no futebol do que em modalidades como vôlei e atletismo. Isso ocorre porque o uniforme utilizado no futebol não evidencia tanto as formas corporais quanto outras modalidades esportivas. Entretanto, de acordo com o texto, a mídia tende a valorizar determinados padrões de beleza, especialmente mulheres brancas, loiras e próximas ao ideal estético europeu, reforçando desigualdades relacionadas não apenas ao gênero, mas também à raça.

Por fim, a conclusão dos/as autores/as apresentou que os Jogos Olímpicos funcionam como uma espécie de “bolha” de visibilidade para o futebol de mulheres. Durante o evento, a modalidade recebe atenção da mídia, mas essa valorização é temporária e desaparece após o encerramento das competições. Assim, apesar dos avanços observados, a cobertura jornalística continua reproduzindo desigualdades de gênero ao enfatizar aspectos relacionados à aparência,

feminilidade e sexualidade das atletas, em vez de reconhecer plenamente suas competências esportivas, demonstrando que a exclusão das mulheres do futebol não terminou com o fim das proibições legais, mas passou a ocorrer por meio de mecanismos simbólicos e culturais que continuam limitando sua valorização e reconhecimento no esporte.

Ao analisar esse estudo, observa-se que a representação midiática do futebol de mulheres ainda é marcada por desigualdades de gênero. É possível observar uma bolha temporária, onde a visibilidade é restrita ao período de megaeventos como os Jogos Olímpicos, e desaparece logo após o encerramento, não se mantém de forma contínua. Além disso, o foco da mídia é deslocado, com tendências em enfatizar aspectos ligados à aparência, à vida pessoal, histórias de superação, feminilidade das atletas, evidenciando que o reconhecimento esportivo ainda ocorre de maneira desigual em relação ao futebol masculino, e ainda com uma exigência velada de comprovação de feminilidade para amenizar preconceitos históricos, desconsiderando a performance técnica, tendo atletas masculinos como heróis e líderes e mulheres presas a atributos de gênero. Esses resultados constituem um importante ponto de partida para compreender como a produção científica tem discutido a relação entre mídia e futebol de mulheres.

O segundo texto analisado foi intitulado Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros, publicado em 2020 na revista *Observatorio (OBS*) Journal*, foi elaborado por Soraya Barreto Januário, Cecília Almeida Rodrigues Lima e Daniel Leal, pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). O estudo teve como objetivo analisar a cobertura realizada por importantes portais esportivos brasileiros durante a Copa do “Mundo de Futebol Feminino²” de 2019, buscando compreender como o futebol de mulheres passou de uma condição de invisibilidade para ocupar espaço na agenda midiática nacional.

Inicialmente, o/as autor/as fizeram uma contextualização histórica do futebol de mulheres no Brasil, destacando que a modalidade foi marcada por um longo processo de exclusão e apagamento. O texto relembra que as mulheres foram proibidas de praticar futebol entre 1941 e 1979, período em que o futebol masculino se consolidava como um dos principais elementos da identidade nacional brasileira. Os autores ressaltam que existe um intervalo de 61 anos entre a realização da primeira Copa do Mundo masculina, em 1930, e a primeira “Copa do Mundo feminina”, em 1991, evidenciando a desigualdade histórica no desenvolvimento das duas modalidades. Nesse contexto, o futebol de mulheres é compreendido não apenas como

² A utilização da expressão 'Copa do Mundo de Futebol Feminino' entre aspas restringe-se às citações da obra de Januário, Lima e Leal (2020), mantendo-se a grafia original empregada pelos pesquisadores.

uma prática esportiva, mas também como um fenômeno social, cultural e político, atravessado por relações de gênero, classe e raça.

O artigo também discute a construção de representações sociais sobre as mulheres no futebol. O/As autor/as recuperam estudos que demonstram como a participação feminina na modalidade foi historicamente associada à masculinização dos corpos e à necessidade de adequação a padrões de beleza e feminilidade. Dessa forma, a presença das mulheres no futebol sempre esteve condicionada a expectativas sociais que não eram impostas aos homens. Esse processo contribuiu para o apagamento da história das mulheres no futebol brasileiro e para a dificuldade de reconhecimento da modalidade como legítima.

Ao abordar o cenário internacional, o/as autor/as realizam uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Enquanto o futebol nos Estados Unidos é reconhecido como uma modalidade amplamente praticada e valorizada por mulheres, no Brasil o esporte continua fortemente associado ao universo masculino. Essa comparação evidencia que as desigualdades observadas não decorrem de características naturais ou biológicas, mas das condições históricas, culturais e institucionais construídas em cada sociedade.

No campo da comunicação, conforme apontam Januário, Lima e Leal (2020), o estudo utiliza a Teoria do Agendamento, proposta por McCombs e Shaw (1977), para explicar como a mídia influencia a percepção pública sobre determinados temas. Segundo essa perspectiva, os meios de comunicação não determinam exatamente o que as pessoas devem pensar, mas definem os assuntos sobre os quais a sociedade irá refletir e debater. O/as autor/as articulam essa discussão ao conceito de valores-notícia, apresentado por Silva (2014), conforme demonstrado no estudo, apontando que determinados acontecimentos ganham visibilidade quando apresentam características como impacto, proeminência, conflito, surpresa, entretenimento ou proximidade com o público.

A pesquisa teve como objeto de análise os portais *Universo Online* (UOL) Esporte, *Globo Esporte*, *Entertainment and Sports Programming Network* (ESPN), Torcedores.com e Placar. Para isso, os autores utilizaram a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), foram examinadas 926 matérias publicadas durante o período da “Copa do Mundo Feminina” de 2019. Os resultados apontaram um crescimento expressivo da cobertura jornalística em comparação à edição de 2015. Considerando os mesmos veículos analisados nas duas pesquisas, o/as autor/as identificaram um aumento de 533% no número de notícias relacionadas ao torneio, demonstrando uma mudança significativa na atenção dedicada ao futebol de mulheres pela mídia esportiva brasileira.

Entre os principais fatores responsáveis por essa transformação, destaca-se a atuação da TV Globo. A “Copa do Mundo Feminina” de 2019 foi a primeira edição do torneio feminino transmitida pela emissora líder de audiência do país. Todos os jogos da Seleção Brasileira foram exibidos em televisão aberta, acompanhados por ampla cobertura jornalística em programas esportivos e telejornais. A presença de Galvão Bueno nas transmissões foi interpretada pelos autores como um símbolo da valorização da competição. A partida entre Brasil e França, válida pelas oitavas de final, alcançou mais de 35 milhões de telespectadores, estabelecendo recordes de audiência e demonstrando o potencial de interesse do público pela modalidade.

Os resultados da análise temática revelaram que a cobertura da Copa de 2019 foi muito mais diversificada do que em edições anteriores. Além das notícias tradicionais sobre partidas e resultados, surgiram categorias relacionadas à repercussão da cobertura midiática, aos recordes de audiência, às campanhas de igualdade de gênero, às trajetórias pessoais das atletas, às perspectivas para o desenvolvimento da modalidade e às discussões sobre políticas esportivas. Os autores observam que houve uma ampliação qualitativa da cobertura, permitindo debates mais profundos sobre os desafios enfrentados pelas mulheres no futebol.

Outro aspecto relevante identificado no estudo foi o chamado “Efeito Marta”. A atleta continuou ocupando posição de destaque na cobertura jornalística devido aos seus recordes, conquistas e manifestações em defesa da igualdade de gênero. Entretanto, diferentemente do que ocorria em edições anteriores, outras jogadoras passaram a receber atenção da mídia, como Formiga, Cristiane, Tamires e Debinha. Esse movimento demonstra uma ampliação das vozes e personagens reconhecidas dentro do futebol de mulheres.

O artigo também destaca a presença de pautas relacionadas às questões defendidas pela comunidade LGBTQIA+ e aos direitos das mulheres durante a competição. Jogadoras como Megan Rapinoe tornaram-se símbolos de reivindicações por igualdade salarial, respeito às mulheres e reconhecimento do futebol de mulheres. Assim, a “Copa do Mundo Feminina” de 2019 ultrapassou os limites do espetáculo esportivo e passou a ser também um espaço de debates políticos e sociais.

Nas considerações finais, o/as autor/as concluem que a “Copa do Mundo Feminina” de 2019 marcou uma transformação histórica na relação entre mídia e futebol de mulheres no Brasil. O aumento da visibilidade não eliminou as desigualdades estruturais enfrentadas pelas atletas, mas representou um avanço importante no reconhecimento social da modalidade. O estudo demonstra que a ampliação da cobertura midiática contribuiu para a construção de novas representações sobre as mulheres no futebol, reduzindo abordagens sexistas e ampliando o espaço para análises técnicas, discussões sobre igualdade de gênero e valorização das trajetórias

das atletas. Dessa forma, o artigo evidencia que a mídia desempenha papel fundamental tanto na reprodução quanto na superação das desigualdades historicamente presentes no futebol brasileiro.

Ao dialogar com o primeiro estudo, este artigo amplia a compreensão sobre a relação entre mídia e futebol de mulheres. Enquanto a pesquisa anterior evidencia a invisibilidade da modalidade e a permanência de estereótipos de gênero na cobertura jornalística, este estudo demonstra que a Copa do Mundo de 2019 representou um marco na ampliação da atenção midiática destinada ao futebol de mulheres. O aumento da cobertura, expresso pela transmissão de 96% das partidas e pelo crescimento no número de notícias publicadas, indica mudanças importantes na inserção da modalidade na agenda dos meios de comunicação.

Esses resultados reforçam que a mídia pode assumir papéis distintos. Ao mesmo tempo em que historicamente contribuiu para a manutenção de desigualdades de gênero, também pode favorecer sua superação ao ampliar a visibilidade das atletas, reconhecer suas trajetórias esportivas e promover debates sobre igualdade, representatividade e inclusão.

Essa interpretação aproxima-se das discussões desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho Temático Comunicação e Mídia do CBCE, segundo as quais a mídia não atua apenas como veículo de transmissão de informações, mas também como espaço de produção de significados, valores e representações sociais. Nessa perspectiva, conforme defendem Oliveira e Hack (2020), Mezzaroba e Bitencourt (2020) e os demais autores discutidos neste trabalho, a cobertura midiática exerce uma função pedagógica ao influenciar a forma como a sociedade compreende o esporte e as relações de gênero. Assim, a maior visibilidade alcançada pelo futebol de mulheres durante a Copa do Mundo de 2019 contribuiu não apenas para ampliar o reconhecimento da modalidade, mas também para questionar representações historicamente marcadas pelo sexismo.

O terceiro trabalho mapeado foi intitulado “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres, de autoria de Cecília Almeida Rodrigues Lima, Soraya Barreto Januário e Daniel Felipe de Oliveira Leal, pesquisador/as da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Na introdução, o/as autor/as contextualizam o crescimento da visibilidade do futebol de mulheres durante a Copa do Mundo de 2019. Destacam que, pela primeira vez, a competição recebeu ampla cobertura da mídia brasileira: o canal SporTV transmitiu 96% das partidas, enquanto na edição de 2015 havia sido exibido apenas 46%. Esse aumento da cobertura refletiu diretamente na audiência, que passou de 42 milhões de espectadores/as em 2015 para mais de

108 milhões em 2019 no Brasil. Em âmbito mundial, a FIFA registrou mais de 1,12 bilhão de telespectadores/as acompanhando a competição.

Apesar desse avanço, o/as autor/as evidenciam que permanecem grandes desigualdades entre o futebol de homens e o futebol de mulheres. Como exemplo, destacam a diferença na premiação das Copas do Mundo: em 2018, a Seleção Francesa masculina recebeu US\$ 38 milhões pelo título, enquanto a Seleção dos Estados Unidos, campeã da Copa do Mundo Feminina de 2019, recebeu apenas US\$ 4 milhões. Esses dados demonstram que a desigualdade não se limita à visibilidade midiática, mas também se manifesta nos investimentos, na valorização econômica e no processo de mercantilização da modalidade.

O objetivo do estudo foi discutir a construção de um novo processo de produção midiática sobre o futebol de mulheres, pelos meios digitais. O/as autor/as analisam como o Dibradoras, um veículo de jornalismo esportivo alternativo especializado na temática, se articula com a mídia tradicional e desenvolve novas formas de produção, circulação e consumo de conteúdo, contribuindo para ampliar a visibilidade e fortalecer o processo de mercantilização do futebol de mulheres.

O artigo também discute que, durante muitos anos, a mídia hegemônica praticamente ignorou o futebol de mulheres. Diante dessa ausência de cobertura, o público interessado passou a buscar informações em meios alternativos, especialmente na *internet*, que possibilitou a criação de espaços voltados exclusivamente para essa modalidade.

Nesse contexto, o/as autor/as apresentam o Dibradoras, projeto criado em 2015 pela jornalista Renata Mendonça. Inicialmente surgiu como um grupo no *Facebook* destinado a reunir mulheres apaixonadas por futebol. Posteriormente, o projeto expandiu-se para outras plataformas, como *podcast*, *Twitter*, *Instagram*, *YouTube* e, principalmente, um site jornalístico dedicado ao protagonismo das mulheres no esporte. O Dibradoras passou a produzir reportagens, entrevistas, análises e conteúdos que denunciam as desigualdades de gênero presentes no esporte, assumindo uma postura ativista e dando visibilidade a pautas historicamente negligenciadas pela imprensa tradicional. Com o crescimento do projeto, parte de seus conteúdos passou a ser publicada no portal UOL, evidenciando uma aproximação entre a mídia alternativa e a mídia hegemônica.

A metodologia adotada foi o estudo de caso, tendo como objeto de análise o Dibradoras. O *corpus* da pesquisa foi composto por 696 publicações realizadas no *Twitter* entre 7 de junho e 7 de julho de 2019, período correspondente à realização da Copa do Mundo Feminina da França. Além da análise qualitativa dos *tweets*, o/as autor/as também examinaram 48 reportagens publicadas no site do Dibradoras, classificando os conteúdos em diferentes

categorias temáticas e identificando as estratégias utilizadas para ampliar o engajamento do público e fortalecer a visibilidade do futebol de mulheres.

Os resultados demonstram que o Dibradoras desempenha papel fundamental na construção de uma comunicação contra hegemônica sobre o futebol de mulheres. Durante a Copa do Mundo de 2019, o projeto registrou crescimento expressivo de audiência e de seguidores nas redes sociais, evidenciando a existência de um público interessado na modalidade. A pesquisa também identificou que a maior parte das publicações consistia na cobertura em tempo real das partidas, acompanhada por comentários técnicos, contextualizações, interação constante com o público e divulgação de conteúdos próprios e de outros projetos voltados ao futebol de mulheres.

O/as autor/as concluem que o Dibradoras vai além da função de informar. O projeto atua como um espaço de resistência e ativismo feminista, ampliando a voz das mulheres no jornalismo esportivo, denunciando o machismo estrutural presente no esporte e contribuindo para romper o silenciamento histórico da modalidade. Dessa forma, o estudo evidencia que a mídia alternativa desempenha papel importante na construção de novas formas de representação do futebol de mulheres e pressiona a mídia tradicional a ampliar sua cobertura, favorecendo maior reconhecimento social, econômico e midiático da modalidade.

Ao ser analisado em conjunto com os textos anteriores, este artigo amplia a compreensão sobre a relação entre mídia e futebol de mulheres ao deslocar o foco da mídia tradicional para os meios alternativos de comunicação. Enquanto o primeiro estudo evidencia que a cobertura jornalística era reduzida e marcada por estereótipos de gênero, e o segundo demonstra uma ampliação da visibilidade durante a Copa do Mundo de 2019, este trabalho mostra que essa transformação também foi impulsionada por iniciativas independentes, como o Dibradoras, que passaram a produzir conteúdos especializados e a ocupar espaços antes negligenciados pela grande imprensa.

Dialogando com as discussões do Grupo de Trabalho Temático Comunicação e Mídia do CBCE, que compreende as mídias como espaços de produção de conhecimentos, valores e representações sociais. Sob esse ângulo, o Dibradoras não atua apenas como um veículo de informação, mas como um agente capaz de produzir novas narrativas sobre o futebol de mulheres, questionar discursos historicamente excludentes e ampliar o debate sobre igualdade de gênero no esporte.

Assim, os três artigos analisados revelam momentos distintos desse processo: o primeiro evidencia a invisibilidade e os estereótipos presentes na cobertura midiática; o segundo demonstra o crescimento da atenção da mídia durante a Copa do Mundo de 2019; e o terceiro

mostra que a mídia alternativa também desempenhou papel decisivo nessa mudança, pressionando a mídia hegemônica e contribuindo para ampliar o reconhecimento social da modalidade.

Quadro 2: Matriz de evolução midiática

	Estudo 1 (2011)	Estudo 2 (2020)	Estudo 3 (2022)
Foco narrativo	Estética, vida pessoal, feminilidade.	Performance, recordes, pautas sociais.	Tática, denúncia, ativismo, protagonismo.
Tipo de mídia	Imprensa (Tradicional).	Portais Digitais e TV Aberta (Hegemônica).	Redes Sociais e Podcasts (Alternativa).
Impacto na visibilidade	Pontual (Bolha).	Massiva, porém, episódica.	Contínua e engajada.

Fonte: Elaborado pela autora, 2026.

A mídia surge então como um paradoxo: barreira e ponte. Como barreira ela continua reproduzindo desigualdades, o foco continua sendo o corpo e os estereótipos, produzindo uma invisibilidade sistêmica e reforçando estruturas patriarcais. Como ponte a mídia é um catalisador de mudanças, forma comunidades de pessoas com interesses em comum, questiona discursos e funciona como uma ferramenta de pressão por equidade.

É possível observar então, que a mídia não apenas reflete o esporte, ela funciona como uma pedagogia que ensina a sociedade como enxergar (ou ignorar) as mulheres.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho teve como objetivo mapear e analisar artigos científicos que discutem a relação entre mídia, futebol e mulheres. A partir da busca realizada na base *SciELO*, foram identificados três artigos que atenderam aos critérios estabelecidos, sendo um desenvolvido por pesquisadoras/es da Universidade de São Paulo (USP) e dois por pesquisadoras/es da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

A análise dos textos permitiu identificar aspectos comuns entre as pesquisas. Verificou-se que a visibilidade do futebol de mulheres na mídia ainda ocorre, predominantemente, em períodos de grandes competições, como os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo. Embora essa cobertura represente um avanço em relação ao histórico de invisibilidade da modalidade, ela ainda se mostra pontual e insuficiente para garantir reconhecimento contínuo às atletas e ao esporte.

Também foi possível observar uma ampliação da cobertura midiática entre 2011 e 2022. Os artigos evidenciam que houve aumento do espaço destinado ao futebol de mulheres nos meios de comunicação, especialmente durante a Copa do Mundo de 2019, indicando mudanças importantes na forma como a modalidade passou a ser inserida na agenda da mídia esportiva. Apesar desses avanços, permanecem as desigualdades relacionadas à valorização, aos investimentos e à frequência da cobertura quando comparada ao futebol masculino.

Outro resultado relevante refere-se ao papel das mídias digitais. Os estudos demonstram que existe um público interessado em acompanhar o futebol de mulheres e que esse público busca informações principalmente por meio de redes sociais, sites especializados, blogs e veículos de imprensa alternativa. Essas plataformas têm contribuído positivamente ao dar maior visibilidade às atletas e à modalidade.

Esses resultados dialogam com as produções do Grupo de Trabalho Temático Comunicação e Mídia do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), em especial os que trouxemos neste texto (Bianchi; Marín-Montín, 2020; Leiro; Araújo; Sousa 2020; Mezzaroba; Bitencourt, 2020; Oliveira; Hack, 2020) os quais compreendem a mídia como um importante espaço de produção de significados, conhecimentos e representações sociais, capaz de auxiliar na formação crítica das pessoas. Portanto, a mídia não apenas divulga acontecimentos esportivos, mas também influencia a forma como o futebol de mulheres é valorizado pela sociedade. Assim, ampliar a presença da modalidade nos diferentes meios de comunicação representa não apenas maior visibilidade, mas também uma possibilidade de

enfrentamento das desigualdades de gênero historicamente presentes no esporte.

Concluiu-se, portanto, que, embora tenham ocorrido avanços significativos na cobertura midiática do futebol de mulheres nos últimos anos, ainda existem desafios para que essa visibilidade deixe de ocorrer apenas em grandes eventos e se torne permanente. Além disso, constatou-se que a mídia ocupa posição estratégica na consolidação do futebol de mulheres, podendo tanto reproduzir desigualdades historicamente construídas quanto contribuir para sua superação. Nesse sentido, ampliar a cobertura midiática de forma contínua e comprometida com a valorização da modalidade constitui um passo importante para o fortalecimento do futebol de mulheres e para o enfrentamento das desigualdades de gênero no esporte.

Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/fulia/article/view/47487>. Acesso em 24 jun. 2026.

JANUÁRIO, Soraya Barreto; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; LEAL, Daniel. Futebol de mulheres na agenda da mídia: uma análise temática da cobertura da Copa do Mundo de 2019 em sites jornalísticos brasileiros. **Observatorio (OBS)***, Lisboa, v. 14, n. 4, p. 42-63, dez. 2020. Disponível em: <https://obs.obercom.pt/index.php/obs/article/view/1590/pdf>. Acesso em: 24 jun. 2026.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://cursosextensao.usp.br/pluginfile.php/300164/mod_resource/content/1/MC2019%20Marconi%20Lakatos-met%20cient.pdf. Acesso em: 24 jun. 2026

LEIRO, Augusto Cesar Rios; ARAÚJO, Allyson Carvalho de; SOUSA, Dandara Queiroga de Oliveira. Mídias e tecnologias no contexto da educação física escolar. In: DORENSKI, Sérgio; LARA, Larissa; ATHAYDE, Pedro (org.). **Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas**. Natal: EDUFRN, 2020. cap. 4, p. 57-74. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v. 9). Disponível em: [https://public.cbce.org.br/arquivos/repositorio/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20m%C3%ADdia%20-%20hist%C3%B3ria,%20tens%C3%B5es%20e%20perspectivas%20\(Ci%C3%A4ncias%20do%20esporte,%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%20%20v.%209\).pdf](https://public.cbce.org.br/arquivos/repositorio/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20m%C3%ADdia%20-%20hist%C3%B3ria,%20tens%C3%B5es%20e%20perspectivas%20(Ci%C3%A4ncias%20do%20esporte,%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%20%20v.%209).pdf). Acesso em: 15 jul. 2026.

LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; JANUÁRIO, Soraya Barreto; LEAL, Daniel Felipe de Oliveira. “Dibrando” a mídia hegemônica: a imprensa alternativa na propagação do futebol de mulheres. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 45, e2022116, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/interc/a/gjdwvr4tjnsM6F85p8SMk3k/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 24 jun. 2026.

MEZZAROBBA, Cristiano; BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Sociodinâmica cultural, mídias e tecnologias: implicações no campo da educação física. In: DORENSKI, Sérgio; LARA, Larissa; ATHAYDE, Pedro (org.). **Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas**. Natal: EDUFRN, 2020. cap. 8, p. 117-130. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v. 9). Disponível em: [https://public.cbce.org.br/arquivos/repositorio/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20m%C3%ADdia%20-%20hist%C3%B3ria,%20tens%C3%B5es%20e%20perspectivas%20\(Ci%C3%A4ncias%20do%20esporte,%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%20%20v.%209\).pdf](https://public.cbce.org.br/arquivos/repositorio/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20m%C3%ADdia%20-%20hist%C3%B3ria,%20tens%C3%B5es%20e%20perspectivas%20(Ci%C3%A4ncias%20do%20esporte,%20educa%C3%A7%C3%A3o%20f%C3%ADsica%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%20%20v.%209).pdf). Acesso em: 15 jul. 2026.

OLIVEIRA, Márcio Romeu Ribas de; HACK, Cássia. Mídia e Educação Física Escolar: panoramas mídia-educativos no contemporâneo. In: DORENSKI, Sérgio; LARA, Larissa; ATHAYDE, Pedro (org.). **Comunicação e mídia: história, tensões e perspectivas**. Natal: EDUFRN, 2020. cap. 3, p. 43-56. (Ciências do esporte, educação física e produção do conhecimento em 40 anos de CBCE, v. 9). Disponível em:

[https://public.cbce.org.br/arquivos/repositorio/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20m%C3%ADdia%20-%20hist%C3%B3ria,%20tens%C3%B5es%20e%20perspectivas%20\(Ci%C3%A2ncias%20do%20esporte,%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%20%20v.%209\).pdf](https://public.cbce.org.br/arquivos/repositorio/Comunica%C3%A7%C3%A3o%20e%20m%C3%ADdia%20-%20hist%C3%B3ria,%20tens%C3%B5es%20e%20perspectivas%20(Ci%C3%A2ncias%20do%20esporte,%20educa%C3%A7%C3%A3o%20e%20produ%C3%A7%C3%A3o%20do%20conhecimento%20em%2040%20anos%20de%20CBCE%20-%20%20v.%209).pdf). Acesso em: 15 jul. 2026.

WILLIAMS, Jean. **A Game for Rough Girls?** A History of Women's Football in Britain. London: Routledge, 2003.